

# A Filologia e os documentos do século XX: cartas e prontuários do Sanatório Pinel

Philology and documents of the 20<sup>th</sup> century: letters and medical records  
of Sanatório Pinel

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i1.39240>

*Antonio Ackel*

Doutorando em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo  
e pela Universiteit Leiden com bolsa CAPES/PrInt (2021).

E-mail: [antonio.ackel@usp.br](mailto:antonio.ackel@usp.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8283-4417>

## RESUMO

Este artigo apresenta atividades filológicas em um material textual brasileiro datado entre 1929 e 1944. Os documentos dividem-se entre relatórios médicos e cartas escritas por pacientes que ficaram internados no Sanatório Pinel, em São Paulo. A partir de fragmentos selecionados, busca-se apresentar de que maneira, por meio de estudos codicológicos e paleográficos, pode-se compreender de forma mais aprofundada fatos históricos e sociais, sob perspectiva do pensamento dominante da época: a eugenia. Trata-se de um pensamento médico, advindo da Europa, em que se acreditava poder melhorar a raça humana, por meio de terapias, remédios e outras intervenções psiquiátricas. Pretende-se mostrar neste texto as atividades que foram desenvolvidas relacionadas à ciência filológica, por exemplo: observar os diversos elementos utilizados para produzir o documento, como suporte e instrumentos; decifrar tipos caligráficos de difícil compreensão; analisar a morfologia das letras; examinar as condições materiais do suporte que mostram os modos de circulação e transmissão do documento. A intenção é apresentar parte de um estudo filológico de maior escopo que possa servir de fonte para estudos de outros campos do saber.

**Palavras-chave:** Filologia. Codicologia. Paleografia. Cartas manuscritas. Eugenia.

## ABSTRACT

Our aim is to present philological activities of Brazilian documents dated between 1929 and 1944. They are composed by medical reports and personal letters written by patients who were admitted to the Sanatório Pinel, in São Paulo. From selected fragments, we seek to present how, through codicological, paleographic and text edition practices, one can understand more deeply historical and social facts, from the perspective of the dominant thought of the time: eugenics. It is a medical philosophy, coming from Europe, based on the improvement of human race, using therapies, medicines and other psychiatric interventions. We intend to show a number of practices related to philological science, for example, observing the different elements used to produce the document, such as support and instruments; decipher calligraphic types that are difficult to understand; analyze the letters morphology; examine the material document conditions that show its ways of circulation and transmission. The intention is to present part of a broader philological study that provides a source for studies in other fields of knowledge.

**Keywords:** Philology. Codicology. Palaeography. Personal letters. Eugenics.

## Introdução

Das possibilidades de aplicação de conhecimentos teóricos e práticos da filologia portuguesa, tão referenciados em trabalhos de documentação medieval, como os de Azevedo (1940), Castro (2004), Gomes Filho (1963), Silva Neto (1958), um dos problemas iniciais que se coloca é o de como empreender essa ciência na prática em documentos mais recentes, como os do século XX. Pensando em tais questionamentos, este artigo discute a práxis filológica, utilizando como exemplo fragmentos de cartas pessoais e de prontuários médicos de pessoas que ficaram internadas no hospital psiquiátrico Sanatório Pinel (1929-1934) em São Paulo.

Parte-se da concepção de que filologia é uma prática acadêmica constituída por saberes científicos que têm um objeto de pesquisa em comum: o texto e sua escrita (CASTRO, 1995). Tal conceituação aborda a diferença entre os meios e as técnicas disponíveis que tinham os filólogos clássicos e que têm os modernos para a transmissão textual.

É certo que a amplitude de conhecimento que se pode adquirir sobre uma documentação por meio da filologia não será de modo algum contemplada neste artigo. O que se deseja aqui é pensar acerca da aplicação de estudos filológicos, permeando setores da paleografia e codicologia,<sup>1</sup> para que tratamentos, respectivamente, textual e documental possam ser aplicados ao manuscrito.

Para tanto, inicia-se com referências às pesquisas que se utilizam de uso de fontes manuscritas para sustentar abordagens diferenciadas, de épocas próximas, com os mais variados objetivos, especialmente linguísticos e históricos, desenha-se abaixo um estado da arte no qual se insere este texto.

Como exemplo do que vem sendo desenvolvido, na academia brasileira, com documentação recente (toma-se como exemplo o século XX, como no caso dessa pesquisa), podem ser citadas: Josenilce Barreto (2014), com a dissertação de mestrado *Pelos caminhos da separação: edição semidiplomática e estudo do vocabulário de uma “ação ordinária de desquite” do início do século XX*; Rita Queiroz (2018), com o livro intitulado *Manuscritos baianos dos séculos VXIII ao XX: autos de defloração*; Maria Helena Flexor (2020), com a obra *Abreviaturas: manuscritos e documentos luso-brasileiros séculos XVI ao XX*.

Ainda que diferentes propósitos sejam estabelecidos, o objeto é o mesmo: o documento e seu texto. Assim, o escopo filológico tem regido as pesquisas que buscam transmitir o texto. Ressaltam-se

---

<sup>1</sup> Discussões acerca da história do documento e de possíveis transcrições do texto para edições críticas não serão aqui aprofundadas, embora sejam abordadas em seções pertinentes. Neste artigo, o objetivo é verificar elementos materiais e gráficos que podem ser identificados e analisados, por meio de práticas codicológicas e paleográficas.

aqui alguns casos, em que o termo *filologia* parou de ser usado para ceder lugar a *letras clássicas* ou *estudos clássicos*.

Hoje, observa-se um esforço acadêmico para fortalecer os estudos filológicos, com textos não tão antigos, quanto os da Antiguidade grega e romana, repensando sua abrangência teórica. Mais, o esforço pode ser observado também na tentativa de dissociar o termo filologia à gramática ou literatura, como no começo do século XX:

“Filologia portuguesa é o estudo científico, histórico e comparado da língua nacional em toda a sua amplitude, não só quanto à gramática (fonética, morfologia, sintaxe) e quanto à etimologia, semasiologia, etc., mas também como órgão da literatura e como manifestação do espírito nacional [...]. Tanto são filólogos os historiadores e investigadores de literatura, como os historiadores e investigadores de línguas que procuram resolver cientificamente problemas positivos, historiando e comparando, quer fonéticos, morfológicos, sintáticos – gramaticais, portanto – quer etimológicos, semasiológicos (lexicografos) ou dialectológicos – isto é, de origens. (VASCONCELOS, 1956, p. 154-156)

A polissemia da palavra filologia carrega, entre outros termos, crítica textual e edótica, cujo objetivo é reconstruir textos que tenham sua genuinidade posta à prova (TROVATO, 2014).

Como prática acadêmica, a filologia pode ser percebida em variados momentos da história: na cultura helenística, com os estudos sobre gramática, retórica, dialética; na Idade Média, com os monges copistas em seus locais de trabalho, os *scriptoria*; no Renascimento, com os humanistas desejando retorno ao conhecimento e aos textos da Antiguidade Clássica; no Romantismo do século XIX, com sua nostalgia pela Idade Média; e no século XX, que busca resgatar histórias passadas para tentar entender acontecimentos do presente.

Não se concebe filologia sem documentos escritos. Quer manuscritos, quer impressos quando publicados, tornam-se fontes históricas para a reconstrução de novos saberes. O Brasil, com os trabalhos acadêmicos que tem publicado, mostra-se cada vez mais atualizado nessa ciência.

Com o intuito de descrever e analisar os elementos materiais que caracterizam a identidade e parte da história do documento, empreenderam-se atividades de natureza codicológica (GILISSEN, 1977; RUIZ GARCÍA, 2002) nessa documentação, especialmente nas cartas. Dessa maneira, fez-se necessário o contato físico com elas.

O acesso à documentação original permitiu conjecturar as formas de manuseio e de conservação. Além disso, outros elementos materiais, como dobras, furos, assinaturas, anotações de terceiros, o instrumento utilizado na elaboração da escrita também puderam ser observados com detalhes.

Sob outra perspectiva, as cartas permitiram também proceder com um estudo paleográfico que objetivasse analisar a letra e o traço dos autores do texto, por meio da decifração da escrita, com especial observação à firmeza do punho, à fluidez do traço, às formas da letra (MENDES, 1953; PETRUCCI, 1986). A leitura é, de fato, a atividade primeira da paleografia e por essa razão não pode ser empreendida com fim em si mesma, deve servir de apoio para o desenvolvimento de outros métodos da análise.

Como empreendimento inicial, buscou-se reconhecer letras, abreviaturas, sinais especiais e, a partir da identificação completa das escrituras e de seus processos de constituição gráfica, pretendeu-se associar dados obtidos a questões subjacentes às escrituras. Por meio de alguns exemplos que serão apresentados, propõe-se pensar em elementos externos aos atinentes ao autor, como a relação da forma da escrita e o período que situou a produção das cartas.

Documentos, como os apresentados neste trabalho, relatam ações e eventos sociais. Pensa-se, assim, inicialmente, sobre as diversas interpretações que podem ser adotadas para a compreensão da história narrada e sobre a diversidade de leituras possíveis. A partir disso, propõem-se tratamentos textuais que levem a compreender as situações históricas de sua produção e, mais especificamente, no caso dos manuscritos selecionados, os cenários de sua circulação e não transmissão, sobre os quais se discorrerá mais adiante.

Se em épocas medievais, a filologia era responsável por também estabelecer a autenticidade de um texto, atualmente essa prática se consolida na reorganização de suas atividades com o mesmo propósito, transmiti-lo de forma fidedigna. Acredita-se que o fazer filológico deve ser motivado pela divulgação de documentos ainda em estado manuscrito, para que se amplie o conhecimento sobre ele e sobre a história que o circunstanciou.

Assim, na próxima seção, faz-se uma descrição do *cópus* utilizado, com base em apontamentos sócio-históricos do período que situou a produção textual apresentada. Em continuidade, observam-se características codicológicas, que permitiram analisar a constituição material de um documento e características paleográficas, que viabilizaram estudar aspectos da constituição formal de um documento, ou seja, da forma de sua escrita.

## 1. O fundo Pinel e seu patrimônio documental

Formado por 94 caixas numeradas, o fundo Pinel, guardado no Arquivo do Estado de São Paulo, contém 4.673 prontuários médicos. Essa documentação foi produzida por médicos e outros funcionários que trabalhavam no hospital psiquiátrico Sanatório Pinel, em São Paulo, entre os anos de

1929 e 1944.<sup>2</sup> São registros de todas as pessoas que ficaram internadas nesse hospital e são compostos por uma variedade de documentos, dentre eles, fichas de internação, exames, receitas, consentimentos de terceiros para aplicação de novos tratamentos.

O material é conservado em pastas plásticas e pode ser liberado ao consulente mediante preenchimento de uma ficha de confidencialidade sobre a identidade do paciente. Esta é a razão por que os nomes dos autores das cartas pessoais, que são transcritas neste artigo, estão abreviados, com exceção dos nomes dos funcionários do sanatório e de pessoas públicas que aparecem nas narrações.

De acordo com os registros administrativos que também podem ser consultados no arquivo, quando uma pessoa dava entrada no sanatório, uma ficha de internação era preenchida. Nela, constam informações como dados biométricos, biográficos, históricos de doenças, tratamentos médicos anteriores.

Uma análise quantitativa do catálogo do Fundo Pinel, elaborado e disponibilizado pelo arquivo, permite observar variados fatores sociais que descrevem características dessa sociedade interna. Do total de registros, 36% referem-se a mulheres, 98% a brancos, 1% a amarelos e 1% a 'pardos, morenos ou negros'; 54% a pessoas entre 30 e 40 anos; 6% a italianos, 2% a portugueses e 1% a japoneses. O campo de informação mais variado do prontuário é o da profissão, que vai desde comerciantes, médicos, de estudantes até funcionários públicos. Note-se, ainda, que 32% dos registros de profissão das mulheres são de doméstica e 22% são de profissão não informada.

O período de internação é bastante diverso. Há pacientes que passaram dois ou três meses, outros que ficaram longos anos, há ainda aqueles que tiveram uma única passagem pela instituição, e outros que entraram e saíram diversas vezes.

Na ficha de internação, havia um campo que se referia ao 'exame psíquico' realizado no paciente. Referia-se ao grau de cultura, atenção, compreensão, associação de ideias, memória, noção do meio, lugar e tempo, estado de humor predominante, sentimentos éticos, reações ao meio social. Traz também informações sobre educação formal e cultura geral do paciente, descreve seus modos de raciocínio, desejos, humores, posicionamentos ideológicos e fatos da vida pregressa.

Abaixo, um exemplo do tipo de informações que podem ser consultadas nos prontuários.

**Remetente:** HB, mulher, 46 anos, brasileira, casada, profissão não especificada, residente em São Paulo. **Entrada:** 08 de dezembro de 1929 **Saída:** 06 de julho de 1930. **Descrição biográfica:** Associa as idéas, não se pode dizer que de um modo caracteristicamente extravagante, mas passando de um assunto pro outro com uma facilidade extrema; o

---

<sup>2</sup> O recorte temporal refere-se desde à fundação do sanatório até o momento de sua venda para o Governo do Estado de São Paulo. Uma vez público, toda a documentação de sua administração privada foi enviada para o Arquivo e está disponível para consulta.

curso de suas idéas se faz em verdadeiro atropelo tumultuariamente. Linguagem desabrida, tanto com relação a estranhos como quando se refere aos seus ou a si mesma. É raciocinante, tem boa memória e uma inteligência lúcida. Boa cultura geral. Extremamente susceptível, mostra-se sensibilizada por qualquer nonada. Violenta. Atira-se ao chão, comete desatinos, mutila-se, chora, rasga as vestes, toma atitudes teatrais. Outras vezes mostra-se humilde, solícita, carinhosa. Briga com as companheiras, diz impopérios, para minutos depois, procurá-las acariciar. Tem percorrido várias casas de Saúde, tendo sido removida da casa Homem de Mello a pedido dos diretores de lá, que não a podiam mais suportar. Desconfiada, julga-se uma criatura desprezada por todos, inclusive pela família aos quais invectiva. (Doc. 005/9576)

Durante a internação, alguns pacientes escreveram cartas por diferentes razões, por exemplo: para médicos, pedindo informações sobre seu quadro clínico; para familiares, contando alegrias e tristezas; e até para eles mesmos, como forma de lembrança.

Foram encontradas 42 cartas no Fundo Pinel. Os autores somam 23 homens e 7 mulheres. Algumas pessoas escreveram mais de uma carta. Os homens têm entre 18 e 65 anos, as mulheres, entre 28 e 46 anos. Quinze autores das cartas são de São Paulo, duas mulheres são de Santos e os outros autores vieram de cidades variadas como Rio de Janeiro, Angatuba (MG) e Santa Rita (RS). Dos 30 autores das cartas, oito apresentaram casos de esquizofrenia, sete sem diagnóstico identificado e os outros se dividem entre outras doenças como parafrenia, psicastenia, psicose.

Tais manuscritos, todos originais, chamam atenção nesse arcabouço documental. Ainda que a quantidade de cartas encontradas seja bastante pequena com relação ao número total de prontuários (já que o outro modo disponível de comunicação com o mundo exterior era o de visitas, que, pela descrição de alguns prontuários, ocorriam com pouca frequência), o material linguístico que foi produzido no contexto da eugenia no Brasil, sobre o qual se discorrerá na seção seguinte, permite questionar, para além da filologia, sobre o que, na prática, essa documentação representou na época em que foi elaborada e o que pode representar atualmente.

O texto cujos fragmentos são transcritos neste artigo propõe que sejam lançados olhares sobre as relações entre autor e destinatário, sobre sua importância e seu conteúdo para ambos. Levando-se em consideração o papel social das cartas naquele determinado período, é possível dizer que os documentos aqui apresentados também dependem de sua história para se tornar fontes de informação porque, ao serem lidos, revelam circunstâncias históricas que permearam atos humanos do passado.

Dentro desse escopo, e por toda a intervenção que houve para sua elaboração, esses documentos são examinados filologicamente para que se possa resgatar parte de sua história e de seus autores, conjecturar razões de sua produção e dar a conhecer seu conteúdo linguístico.



## 2. Circunscrição sócio-histórica da produção das cartas

As dimensões sócio-históricas, brevemente descritas nesta seção, servirão de norte para a leitura dos textos do *cópus* apresentado, sobretudo no que se refere às experiências vividas pelos autores, durante o período de eugenia, prática psiquiátrica recém-adquirida pela comunidade médica e muito bem aceita pela sociedade, na época. Pretende-se aqui, ressaltar formas de autoritarismo, baseadas na política eugenista, que membros da família e médicos do Pinel, utilizaram para tratar os pacientes que lá ficaram internados.

Os fragmentos textuais que correspondem ao conteúdo das cartas que se apresentam nesse artigo foram escritas sob condição de isolamento social. Durante o tempo em que ficava internado, o paciente só poderia sair do sanatório se outra pessoa fosse buscar (normalmente a mesma que o internou). Há muitas cartas que contêm pedidos nesse sentido. Por exemplo, como o trecho abaixo, escrito por MAQ, uma mulher de 40 anos, residente em São Paulo.

Curvada ao peso do martyrio asustada | e horrorizada neste quarto de dementes ergo as mãos | e supplico a minha libertação, tenha pena da sua | desventurada filha que appella para o seu coração de pae e afflicta espera que venha bus-cal-a. (Doc. 035/9576)

No fundo Pinel podem também ser encontrados textos escritos pelos familiares responsáveis pela internação. Preenchiam um campo de observações na ficha do internado, muitas vezes com riqueza de detalhes que julgavam relevantes para que se procedesse com a internação, como o exemplo abaixo, escrito pelo pai de NB, homem, 25 anos, professor, residente em São Paulo.

Rapaz esforçado e trabalhador, fundou com o auxilio de uma sua irmã, o Liceu Acadêmico Belo Horizonte. Ultimamente, porém, dispensou os serviços de sua irmã, que tanto o auxiliara no início do estabelecimento, para confiá-lo ao Professor JCF, que sobre ele passou a ter domínio absoluto. Abandonou mesmo a casa de sua família para residir em companhia deste último, vivendo ambos no mesmo quarto. A família não se conformando com essa situação, por isso que o mesmo revelava, tendência para práticas homossexuais, havendo indícios evidentes de que a elas se entregava com seu companheiro de quarto. Inúteis foram todos os esforços para fazê-lo mudar de vida, razão porque se viram na contingência de interná-lo neste Sanatório, e fazer cessar uma situação deprimente e humilhante não só para o paciente como para toda a família. (Doc. 1126/9606)

O material escrito existente no fundo arquivístico com o qual se trabalhou representa uma fonte de pesquisas não só pertinentes ao âmbito dos estudos da história da língua, considerando a constituição de um *cópus* para o estudo da língua portuguesa, mas também para outras áreas de

estudo. Podem-se compreender, por exemplo, determinados pensamentos que orientaram a formação da história da cidade de São Paulo, sob diversas perspectivas.

Neste trabalho, parte-se do ponto de vista que o momento histórico em que a cidade passava por uma grande transformação comercial.

Tendo sido parada obrigatória, na ampliação da malha ferroviária, que ligava os arredores de Jundiaí ao Porto de Santos, São Paulo tornou-se o centro comercial de produção e comercialização de variados produtos agrícolas no país, em especial, o café. Seu desenvolvimento foi tamanho que, já na segunda metade do século XIX, detinha o poder econômico e político do Brasil, de forma que determinava os rumos do país, na República Velha (LOVE, 1982; PETRONE, 1955).

A criação de indústrias e fábricas, necessitadas de mão de obra, fez aumentar rapidamente a quantidade de habitantes ex-escravos negros e imigrantes estrangeiros em suas cercanias. A chegada dessas pessoas e suas famílias fez com que novos bairros fossem criados na cidade, conhecidos como operários, compreendiam as regiões: Lapa, Bom Retiro, Pari, Belém, Mooca, Ipiranga. Todos localizados em várzeas alagadiças e próximos a linhas férreas.

É de lastimar que não se tenham melhor preparado os terrenos do Bom Retiro para evitar que as águas pluviais fiquem retidas em alguns lugares; e também podia ter havido melhor direção no alinhamento de algumas construções. (RAFFARD, [1890] 1977, p. 32)

A aristocracia paulistana, dona dos grandes comércios, também já havia inaugurado seus bairros e regiões. Campos Elíseos, Higienópolis, Av. Paulista, abrigavam mansões protegidas por altos muros, construídas entre ajardinados parques como Anhangabaú, Parque D. Pedro, Praça Buenos Aires.

Assim, começou a configurar-se a segregação de espaços desiguais e divididos, por meio de uma administração pública que privilegiava adotar os padrões de comportamento e de convívio social oriundos do universo patriarcal da elite cafeeira e dos industriais emergentes, enquanto permanecia alheia e inerte às questões de ordem e progresso dos bairros operários que entrelaçavam cortiços insalubres, galpões de fábricas e linhas de bonde. Segundo Rolnik (1999, p. 35), um modelo urbanístico que pode ser considerado, em qualquer lugar do mundo, como “um barril de pólvora prestes a explodir”.

De fato, tensões, conflitos, tumultos, resistências foram o resultado do encontro de várias culturas: imigrantes estrangeiros, migrantes rurais, negros ex-escravos e livres, a elite dominante, que buscava estabelecer autoritariamente seu modo de vida.

No começo do século XX, São Paulo passou por um período de conscientização e mobilização de variados grupos sociais, políticos e culturais, que deixou indeléveis marcas e ajudou a formar a memória histórica dessa cidade que estava em pleno e tumultuado desenvolvimento. Dentre esses

grupos, podem ser citados imigrantes, operários, feministas, desempregados, homossexuais, artistas, negros, todos que ousaram confrontar a normatização da conduta social burguesa e, de alguma forma, impuseram seu *modus vivendi*, suas transgressões, seus pensamentos e suas palavras.

Tal comportamento começou a ser analisado por médicos psiquiatras que haviam recém-conhecido os estudos da eugenia, um conceito que estava sendo amplamente difundido nas comunidades médicas do mundo e se tratava da higiene mental, com fins ao aperfeiçoamento da raça por meio de empreendimentos de diferentes áreas do conhecimento.

Esses métodos e práticas de higiene mental com o objetivo de prevenir a degradação física e mental da humanidade estavam relacionados ao pensamento eugenista, que dizia que fatores físicos e mentais podiam ser socialmente controlados, resultando em boas ou más qualidades racionais.

Foi originalmente proposto pelo fisiologista inglês Francis Galton, durante a segunda metade do século XIX, e visava ao bem-estar da espécie humana (ASSUMPÇÃO JR., 2003, p. 45). A sociedade apoiava o Estado, assim, configurou-se um novo direito social para que o cidadão pudesse ser saudável e colaborar com o progresso da nação (COUTO, 1994, p. 29).

Segundo Assumpção Jr. (2003), a tematização da pureza racial é mais antiga no Brasil e pode ser observada, na metade do século XIX, com as definições de “imigrante ideal”, ou seja, “branco, camponês, resignado”. Perdurando por muitos anos, essas ideias foram aprovadas em projetos de lei apresentados por Cincinato Braga em 1921, cujo texto propunha que se evitasse a imigração negra, retomando a lei de 1891, revogada em 1907.

A partir desse pensamento, a psiquiatria é vista como órgão regulador de políticas sociais, na busca da ordem e do progresso do país por meio de uma raça branca, forte, trabalhadora, útil. Foi um período em que se discutiam questões ligadas a higiene mental, segregação social, internação compulsória, como métodos de desenvolvimento de uma sociedade próspera e segura. Tal ideologia considerava doentes mentais aquelas pessoas que se comportavam de modo diferente ao estabelecido, dessa maneira, deviam ser internadas nas casas psiquiátricas do país, o tempo que fosse necessário, para serem submetidas à cura, por meio de terapias, remédios e reclusão social (FARIA, 1995; FERLA, 2009; FIGUEIREDO, 2011).

Alinhado ao crescimento geográfico, comercial e capitalista de São Paulo, estava o reconhecimento do conhecimento científico, médico, especialmente psiquiátrico. Houve estreita ligação entre eugenia e escola, muito embora os efeitos tenham sido contraditórios: se de um lado, o governo concentrou esforços, recursos e técnicas para ampliar a educação pública num molde que alcançava famílias até então excluídas, de outro, os conceitos eugenistas que orientavam as escolas tendiam a definir como deficientes as pessoas negras ou provenientes de meios pobres. Em vez de

exclusão, a presença do pensamento eugenista no ambiente escolar resultou numa moderna inclusão marginalizadora.

Em São Paulo, os métodos profiláticos para reorganização da sociedade eram aplicados em larga escala pelo Ministério da Saúde, sob administração do Departamento de Psicopatas de Antonio Carlos Pacheco e Silva (1936, 1948, 1950, 1961, 1974), médico psiquiatra, fundador do Sanatório Pinel. A questão da higiene mental era um dos pontos centrais do pensamento profissional de Pacheco e Silva.

Em 1936, o médico lançou o livro *Problemas de Higiene Mental*, no qual divulgou sua crença de que as doenças mentais, a miscigenação das raças, e tantos péssimos hábitos de fato atrapalhavam a vida em sociedade e o progresso do país. Um dos antídotos para tais mazelas sociais era segregação dos indesejáveis. Para Foucault (2000), o louco, entendido não como doente, mas como desvio constituído e mantido, como função cultural indispensável, tornou-se, na experiência ocidental, o homem das semelhanças selvagens.

Abaixo, um trecho das orientações de Pacheco e Silva a serem seguidas com o fito de resolver o problema que se instaurava na cidade nessa época:

... se medidas de defesa no campo da saúde mental não forem adotadas, com o necessário rigor, de forma pronta e eficiente, de molde a segregar, do seio da coletividade, os diversos tipos portadores de um estado de perigosidade latente, de que a nossa sociedade está grandemente impregnada, não é preciso ser profeta para afirmar que, a despeito das medidas policiais, o nosso índice de criminalidade, sobretudo de homicídios, será cada vez mais elevado, revestindo-se de características trágicas e dolorosas, peculiares aos tipos mórbidos que os praticam. (PACHECO E SILVA, 1936, p. 147).

A medicina passou a acreditar que tantas novas informações sobre o modo de vida na cidade, dependendo de como fossem absorvidas, poderiam desencadear distúrbios mentais (PACHECO E SILVA, 1950, p. 118). Foi nesse momento que a figura do psiquiatra se destacou, examinando as relações do indivíduo como participante do meio em que se inseria.

A partir do século XX, o desvio comportamental passou a ser objeto de estudos do Serviço Sanitário de São Paulo, órgão estadual responsável por disciplinar, corrigir, curar e eliminar hábitos indesejáveis. Essas mudanças, conhecidas como higiene mental, atingiram todos os estratos sociais da cidade. Numa cidade a todo vapor como São Paulo não havia individualidade, qualquer comportamento fora do estabelecido pelo grupo, qualquer desvio, era considerado inadequado e não poderia fazer parte daquele meio (PEREIRA, 2016, p. 24).

O Sanatório Pinel pode ser entendido como uma resposta ao crescimento da cidade da qual a elite social paulista foi financiadora e um exemplo do esforço eugenista para ordenação do espaço urbano. Na cidade em que residiu, Dr. Pacheco e Silva participou da “legitimação de novos padrões

sociais em que médicos e juristas destacaram-se na história como orientadores dessa nova sociedade moderna, com a elaboração de discursos reguladores da ordem social” (TOLEDO, 2015, p. 54).

O isolamento constitui uma das primeiras exigências que se impõe quando surge um caso de alienação mental. Há sempre vantagem em se isolar o doente, afastando-o do meio em que vive para colocá-lo em ambiente estranho, preferencialmente em hospital psiquiátrico, onde possam tomar as precauções exigidas pelo seu estado e ministrar-lhe tratamento adequado. (PACHECO E SILVA, 1950, p. 155)

Nos últimos 20 anos, o campo de estudos da eugenia, tanto no Brasil quanto internacionalmente, tem se tornado cada vez mais amplo e dinâmico. Por um lado, entendemos cada vez mais o quanto a eugenia serviu como um circuito de conhecimentos entre diversas áreas de investigação científica e fomentou a circulação transnacional de ideias científicas e sociais. Por outro lado, a inquirição de arquivos e fontes está ampliando gradualmente nossa compreensão da extensão em que as pessoas foram submetidas a intervenções eugênicas como a esterilização involuntária.

A documentação que compõe parte do patrimônio cultural escrito desse hospital narra, sob a ótica de um internado, a realidade, o pensamento e a retórica própria de um grupo de pessoas que viveu isolado da sociedade.

É possível que as cartas do Pinel tenham sido produzidas como manifestações de resposta aos tratamentos recebidos. No entanto trata-se de mensagens destinadas a outras pessoas. A partir do pensamento eugenista, independentemente do conteúdo e destinatário, as cartas eram consideradas apenas como dados com fins de pesquisa psiquiátrica, assim, eram arquivadas.

Sob esse ponto de vista, pensa-se sobre o motivo de terem sido guardadas e não enviadas. Ao se examinarem os modos de circulação dessas cartas, depara-se sempre com o mesmo lugar de pouso: o arquivo. Há uma ruptura no trâmite de correspondências desses documentos, especialmente pelo arquivamento deliberado.

Na próxima seção, serão abordadas questões codicológicas que permitem conhecer mais da história dessa documentação, especialmente no que se refere à censura de comunicação associada aos métodos profiláticos eugenistas.

### 3. Estudos codicológicos

A codicologia é a disciplina que permite identificar os elementos que constituem a materialidade de um documento por meio de suas condições e aparências, tais como textura, peso, formato, dobras, manchas, rasgos, carimbos, anotações de terceiros.

Ao ter contato físico com o fólio, o codicologista pode avaliar detalhes como dobras, rasgos, perfurações que muitas vezes, por imagens digitais fica difícil identificar. Além disso pode conferir outros elementos, por exemplo, a disposição do texto principal (a mancha), o número total de linhas manuscritas, a utilização ou não de margens e parágrafos na composição textual, destaques de fragmentos como datas tópica e cronológica, vocativo, assinatura, escritos posteriores.

Perceber a textura de um fólio, aproximar os olhos do documento são atividades que ampliam o conhecimento filológico, pois permitem que o pesquisador participe de uma etapa da qual o leitor final, a quem se destina a transcrição, normalmente não compartilha.

Vale dizer que, ainda que se possam conjecturar hipóteses acerca das condições de um documento, utilizando-se tecnologias digitais, é impossível assegurá-las sem esse contato físico. Sentir sua materialidade permite consolidar, além de outros, os saberes codicológicos que resultam em importantes informações para o estudo da história do manuscrito.

A codicologia pode ser definida como a disciplina que se preocupa com a configuração de um documento. Busca conhecer sua história por meio da observação e descrição dos elementos utilizados para sua confecção. Nesse sentido, ao lado da arquivística, a codicologia torna-se também responsável por assegurar o restauro e a conservação de patrimônios documentais.

Além disso, ao se conceber o documento como um artefato histórico, a codicologia permite entender algumas características do material utilizado nas cartas e com isso aumentar informações que contextualizam sua transmissão e circulação.

Como exemplo de uma das características que pôde ser observada no *cópus* deste artigo, abaixo, apresenta-se um fragmento transcrito de uma carta, escrita por uma paciente, em que diz que foi penhorada a um médico. No entanto, o que chama atenção nessa passagem, é que a palavra *vim* está parcialmente apagada, como pode ser observado na digitalização apresentada na figura 1 e quando despercebidamente o leitor passa os olhos no documento, pode entender que o sanatório (que ela chama de *chácara*) foi penhorado ao médico.

Apezar de muitos peza | r[e]s vim inf bem saudo | sa desta bellissima cha | [ca]ra de  
algumas amigas | dahi da irmã Guilhermina Dyonisia madre Vigara | da Snr<sup>a</sup>. e de  
Virginia Agora para lhe ser fran- | ca [vim] penhorada | ao D<sup>f</sup>. Alvarenga | porque é  
inegavel que foi muito lattenciozo para commigo – (Doc. 05/9562)

Figura 1 – Digitalização de fragmento do documento 05/9562 com apagamento parcial da palavra *vim*.

Fonte: autor

Uma primeira observação que poderia ser feita acerca desse trecho é se, ao apagar parcialmente a palavra *vim*, a autora fez com que essa informação não fosse percebida pelos médicos do sanatório e sua carta pudesse ser remetida, mas, ao mesmo tempo, pudesse ser percebida pelo destinatário que leria com mais atenção.

Evidentemente, não se pretende produzir uma hermenêutica das cartas aqui apresentadas. No entanto, deve-se levar em conta a situação histórica em que foram escritas, no caso o Brasil do início do século passado e, para além dessa circunscrição sócio-histórica, é muito provável que tais documentos sinalizem um entendimento da representação política em sociedades que, ainda que formalmente democráticas, apresentavam graves obstáculos à participação das minorias.

A maioria das cartas do Pinel possui anotações feitas por sua administração e médicos, além de furos para fixação em fichários. Tais procedimentos configuram práticas administrativas comuns de organização e arquivamento. Porém, ao serem analisadas essas interferências, alheias à autoria dos documentos, identificam-se mudanças em sua identidade, utilidade e posse, ou seja, em sua função.

As cartas que foram escritas para familiares e amigos, ao serem anotadas e retidas pela administração do sanatório, passam a pertencer a essa instituição. Os autores ou destinatários das cartas deixam de possuí-las. Mais, sua comunicação é rompida de forma que a mensagem não chega ao destinatário.

Anotações de arquivamento feitas por terceiros e marcas de grampeador e furador para serem anexadas a prontuários, encontradas nas extremidades do papel, acusam uma arbitrariedade sobre a posse, o manuseio e a destinação do documento que o propósito de uma carta que deveria ser enviada para alguém é alterado.

Evidências de práticas administrativas como essas também podem ser observadas nas próprias cartas, por meio de rubricas de recebimento e anotações de terceiros, localizadas normalmente nas margens superiores das primeiras páginas e seguem padrões do tipo, ‘junte-se à observação’, ‘para arquivar’. Especificamente nas cartas endereçadas a pessoas de fora do sanatório, essas anotações referem-se a encaminhamentos diferentes do concebido, trata-se de desvios de transmissão de um documento. O desvio ocorre pela alteração da circulação e seu lugar de pouso, antes o destinatário da missiva, passa a ser o prontuário do remetente.

Abaixo, mostra-se um exemplo claro de uma carta escrita para uma mãe que, em vez de ter sido enviada à destinatária, fora do sanatório, foi arquivada no prontuário do paciente.

Figura 2 – Anotação para arquivamento. (Doc. 836/9612)

The image shows a handwritten note in cursive. On the left, the word 'arquivar' is written and underlined twice. To the right, the address 'Querida Mãezinha:-' is written in a similar cursive hand.

Fonte: autor

Os furos feitos por grampeadores ou furadores, encontrados nas cartas, também representam um estágio no percurso do documento, mas, dessa vez, trata-se de um estágio final em que será de fato incorporado aos registros do paciente. Furar o papel para anexá-lo a um fichário, como parecem ser os furos que podem ser vistos na figura 3, abaixo, mostra tratar-se de um procedimento administrativo de ciência sobre aquele material produzido e que já pode ser arquivado.

Figura 3 – Furos na lateral do fólio com indicação de arquivamento. (Doc. 540/9588)

The image shows a handwritten note in cursive, similar to the one in Figure 2, with the word 'arquivar' written. Two circular punch holes are visible on the left side of the paper, indicating where it was attached to a file folder.

Fonte: autor

Anotações de terceiros, furos nas cartas, rasgos e outras interferências podem representar camadas de identidade documental (ACKEL, 2019a). A cada estágio de modificação substancial do documento, sua identidade se reconfigura e ele passa a possuir diferentes utilidades. A serventia de uma informação é definida a partir do interesse que se tem sobre ela. Uma mensagem pessoal a uma mãe, como o caso da figura 2, serve de informação para o destinatário da carta, para os médicos do



sanatório e para este artigo. No primeiro caso, poderiam ser notícias de um ente; no segundo, dados para análise médica; no terceiro, a constituição de um *cópus* de pesquisa.

Nesse sentido, o objeto que resulta de cada uma dessas intervenções não tem mais a mesma característica de antes. Nesse sentido, pode-se dizer que o artefato textual é um objeto evolutivo que permite estudos diacrônicos e sincrônicos.

Para Ruiz Garcia (2002), um manuscrito revela sua mensagem quando comparado com outros exemplares da mesma procedência. Podem-se utilizar documentos que foram elaborados em papéis iguais ou com o mesmo instrumento e verificar que uma determinada anotação de terceiro se difere entre um documento e outro, por exemplo. As condições do papel também podem revelar informações sobre sua transmissão, circulação, manuseio, por exemplo, sob a forma com que foi dobrado.

Segundo Gilissen (1973), um documento manuscrito é um artefato histórico e, como tal, deve ser analisado. É certo que contam a sua história, mas quando documentos textuais são estudados apenas por seus escritos, outra grande riqueza de conhecimento, sua história, deixa de ser revelada. Com isso, limita-se o acesso ao documento, deixando-se de considerá-lo sob outras perspectivas acerca do seu dimensionamento não só linguístico, como também político e cultural.

Da mesma forma, a leitura que se faz de um texto não se limita à decifração do que está escrito (MENDES, 1953). Ler, sob perspectiva paleográfica, como se verá na próxima seção, vai além de reconhecer caracteres e outros signos gráficos. O significado está entre os possíveis limites de compreender a razão dos traços grafados pela mão do autor.

#### **4. A paleografia sob perspectiva sócio-histórica da escrita**

A paleografia é uma ciência que tem por objeto de estudo as escrituras humanas do passado. Por meio de métodos próprios de investigação, permite aumentar o conhecimento que se deseja obter sobre um documento, não só pela decifração dos sinais gráficos, mas também pelo entendimento da sucessão dos traços que os compõem, pela observação da firmeza do punho que escreveu, pela fluidez da escrita, pela forma da letra e por outros aspectos que a ela dizem respeito (NÚÑEZ CONTRERAS, 1994; GILISSEN, 1973).

No início do século XX a paleografia, entendida como uma ciência de leitura, estava na sua plenitude (NÚÑEZ CONTRERAS, 1994). Durante esse último século, muitos foram os nomes que elaboraram os estudos e reuniram informação sobre o tema (BATTELLI, 1949; CENCETTI, 1948; COSTA, 1997; MALLON, 1986; MUÑOZ Y RIVERO, 1972; NUNES, 1969).

Interessa, contudo, compreender a necessidade de organizar a forma como nos referimos à escrita e à Paleografia sob perspectiva sócio-histórica. Deste modo é necessário ter, como diria Petrucci (1993), a noção de função e uso da escrita e a distinção destes conceitos.

Este último refere-se às categorias da escrita, o suporte onde foi elaborada e a denominação que pode ter de acordo com esse suporte: a escrita livresca, típica do livro, documentos, em suma, um material flexível (como o pergaminho, o papel ou o papiro) e por oposição, a escrita epigráfica, típica de materiais não flexíveis, mas sim rígidos, como a pedra.

Petrucci (1979) demonstra a necessidade do estudo do ponto de vista funcional e a utilidade dos sistemas e tipos gráficos. Para esse autor, o uso remete a identificação sumária da espécie de testemunhos escritos. No entanto, não oferece uma definição exata da escrita usual, comum, assim como Cencetti (1948), Lieftinck (1953) e Gumbert (1976), que a relacionam a experiências linguísticas.

A partir de documentos utilizados para a apresentação deste artigo, a paleografia é concebida como parte da história da cultura, uma vez que sua teoria e métodos alcançam maior escopo quando buscam compreender, além da narração ou explicação dos registros escritos do homem, os aspectos de um tipo de vida humana predominante em cada período e em uma coletividade. Não se trata somente de conhecer os fatos ocorridos, mas organizá-los de forma que permitam analisar a realidade passada por meio das diferentes versões que as escrituras revelam (NÚÑEZ CONTRERAS, 1994).

O objetivo final da história da cultura não é só o conhecimento do passado, senão também sua compreensão, explicando as causas de fatos acontecidos a partir das ideias e das reações que seus protagonistas registraram. Ocorre que tais acontecimentos fazem parte de fatos concretos da vida do homem, assim a escritura, ocupando seu lugar na história da cultura, permite à paleografia compreendê-la (BUCKHARDT, 1961).

Dando início a essa perspectiva paleográfica, Traube (1965), partiu da premissa evidente de que a escritura é uma atividade exclusivamente humana, assim, propôs que (i) o estudo da escrita não deve ser reduzido a esquemas abstratos e que (ii) há uma evolução natural e lógica da escrita e que, como qualquer outra atividade humana, é modificada pelo próprio homem.

A leitura é a atividade primeira, a base de qualquer fazer paleográfico. Na datação e na localização encontra-se o elemento científico da paleografia. Assim, estabelece-se como disciplina independente, e converte-se em base científica para história do desenvolvimento da escrita, parte essencial da história geral da cultura. Além disso, como não faz parte de ciências auxiliares, propõe problemas novos e específicos, no que se refere à tradição literária (TRAUBE, 1965, p. 6).

As diferentes técnicas de escrita são conhecidas por meio de muitas representações em manuscritos históricos. Nas últimas cinco décadas, a paleografia como história da escrita tem cada vez

mais ampliado seu conhecimento acerca da evolução histórico-gráfica. (PETRUCCI, 2018). As influências positivas dessa perspectiva em termos de propor novos problemas e métodos não são discutidas aqui. Em vez disso, utilizam-se os fragmentos apresentados para refletir criticamente sobre os efeitos produzidos pela fragmentação e dispersão da análise histórica, muitas vezes elevada à categoria de fatos e realidades historiáveis mais próximas da anedota e da narração de curiosidades do que do rigor de uma tarefa científica. Fala-se aqui sobre a realidade da eugenia praticada no Brasil, no século XX, já exposta em seções anteriores.

Longe de propor um uso instrumental dessas histórias particulares para reconstruir uma visão global de um período brasileiro, a proposta deste artigo é levar a investigar minúcias relevantes do tema maior e publicar os resultados encontrados por meio de pesquisa científica.

É provável que parte da verdadeira história do pacientes das cartas não possa ser resgatada, já que os fundamentos ideológicos da sociedade e de seus familiares estão registrados e são concebidos a partir de suas verdades. Espera-se, no entanto, que as mudanças históricas dos últimos anos possam permitir maior compreensão por parte dos estudos paleográficos, sob uma perspectiva sócio-histórica.

Aspectos paleográficos que debatem tais questões colaboram para que pressupostos teóricos e metodológicos sejam reavaliados e disseminados nas comunidades acadêmicas. Aproveitando tal reflexão, este artigo também pretende contribuir para certas considerações sobre a linha de trabalho filológico em que se situa a pesquisa maior do qual este artigo faz parte, mais recente, a história da cultura escrita e práticas de escrita.

É o caso das reflexões de Armando Petrucci (1989) sobre a história da sociedade e a história da escrita, as obras de Carlos Barros (1992) sobre os horizontes da história das mentalidades, as contribuições de Roger Chartier (1992) e Peter Burke (1994) no campo da história cultural da história social e sociocultural. Não se trata de justapor métodos e objetivos, mas sim de cruzar modos de compreender história à luz da paleografia.

É nesse horizonte que esta seção apresenta aspectos e características paleográficas encontradas nas cartas dos pacientes do sanatório Pinel.<sup>3</sup>

No estudo dos diferentes tipos de escrita e das evidências gráficas individuais encontradas nas cartas do Pinel, pôde-se utilizar determinados elementos de análise e uma série precisa de termos relacionados tanto ao processo de composição dos sinais gráficos, quanto à identificação dos tipos de escrita.

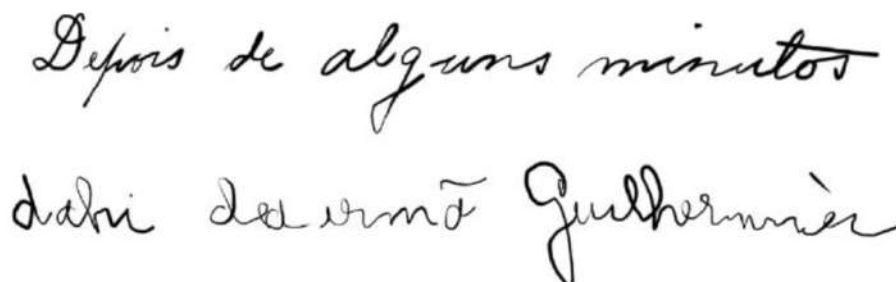
---

<sup>3</sup> Buscando também o reconhecimento de determinadas formas de escrita, por meio da prática de cópia, este artigo apoia-se teoricamente, além de em Petrucci (1986), também em Blanco e Sanchez (1914), Wotzkow (1967), Noordzij (2009), com intuito de compreender o processo de composição caligráfica, por meio de tecnologias computacionais.

A partir de uma análise nos prontuários médicos, puderam ser identificados uma série de tratamentos direcionados ao fortalecimento e consolidação das funções psicomotoras, fundamentais para atividades de escrita. Tais atividades eram comuns, uma vez que a medicação administrada poderia interferir nessas funções (FONSECA, 1983).

Como exemplo, mostra-se na figura 4 a diferença de traço caligráfico que o mesmo punho apresenta, especialmente, no tocante à cursividade, ao módulo, à inclinação. O que chama a atenção, nas duas imagens (a primeira, Depois de alguns minutos, e a segunda, dahi da irmã Guilhermina), é que mesmo sendo uma escrita cursiva, a paciente parece perder sua coordenação caligráfica com relação a sua fluidez.

Figura 4 – Diferença caligráfica de um mesmo punho. (Doc. 05/9562)



Fonte: autor

Ainda com relação à forma da escrita, nota-se em algumas cartas a preocupação dos autores em escrever seu texto com uma letra feia. Alguns, como é o caso do exemplo abaixo, o pedido de desculpas pela letra são informações encontradas nos relatos dos seus autores (Transcrição: *Queira desculpar a letra | vera bem o Sñr que é de uma | pessoa torturada por atroz aflição* - Doc. 52/9577). Notam-se também, em outras cartas, letras bastante tremidas, ao que se poderia atribuir uma série de razões que vão desde efeitos colaterais de remédios e terapias até problemas de coordenação motora.

Figura 5 – Pedido de desculpas pela letra. (Doc. 52/9577)



Fonte: autor

Exemplos de análise paleográfica, como os apresentados nessa seção, podem levar a reflexões críticas acerca do exercício da comunicação escrita. O objetivo que se tem alcançado, a partir de outras pesquisas de maior abrangência, é o de desenvolver a competência paleográfica sob perspectiva

sócio-histórica da escrita, ou seja, buscar compreender fenômenos gráficos como um aspecto da história da cultura escrita por meio de atividades práticas em que se considera o contexto de produção dos documentos. Além disso, analisaram-se os atos de escritura para que se pudessem compreender os traços autorais, especialmente num momento da história da escrita que existiu em torno das relações entre o objeto escrito e a sociedade.

## 5. Transcrição semidiplomática

Este texto oferece uma transcrição com o mínimo possível de intervenções editoriais. Pensando-se, portanto, na possibilidade de divulgar o material de modo amplo, sob estas circunstâncias, optou-se por uma transcrição semidiplomática.

Tal proposta indica que se pretende mostrar o percurso de elaboração textual revelado na maneira de escrita do autor. Estudar os elementos gráficos da forma com que foram produzidos no original (com suas abreviaturas, fronteiras de palavras, pontuação) permite conhecer além do conteúdo do texto, o seu contexto de produção e, assim, entender o documento como fonte de pesquisa.

O labor filológico cumprirá uma vez mais seu papel de revelar, aos interessados, todas as possibilidades de significado que um documento pode conter em sua forma original.

Os fragmentos aqui apresentados são da primeira metade do século XX. Textos que apresentam dificuldade moderada de leitura. Sob esta perspectiva e após várias leituras atentas desse material, avaliou-se que a transcrição semidiplomática seria a mais adequada, por transmitir o texto da forma original e revelar, de forma fidedigna, o patrimônio cultural escrito de uma dada cultura.

As normas para a transcrição que se apresenta são as seguintes:

- (1) A transcrição será contínua com o sinal | para indicar mudança de linha e || para indicar início de parágrafo;
- (2) A cada cinco linhas, um número sobrescrito após o sinal | identifica sua correspondente no documento original;
- (3) As fronteiras de palavras serão mantidas;
- (4) Os sinais abreviativos são mantidos;
- (5) Acentuação, ortografia e pontuação são copiadas da mesma maneira que estão no original.

(6) Emendas como rasuras, quando possíveis de ler, são transcritas de forma tachada.

Ainda que se possam constatar diferenças ortográficas, pontuação irregular, sintaxe atípica, neologismos, as cartas são constituídas por uma escrita semelhante aos dias de hoje.

Por meio de uma transcrição semidiplomática, conservadora, propõe-se uma leitura não só correspondente ao que se lê no original, mas também subjetiva, que possibilite pensar em marcas linguísticas, elaboradas pelos gestos da escrita, que registraram a língua portuguesa de uma determinada forma com particularidades do tipo, junções vocabulares, ortografia idiossincrática, repertório lexical. O público-alvo dessa edição é, portanto, aquele que se interessa não só pelo dimensionamento linguístico revelado em linhas manuscritas, mas também pelas situações políticas, sociais e históricas que circunstanciaram a produção das cartas.

A escolha de uma transcrição semidiplomática indica que se pretende mostrar o percurso de elaboração textual revelado na maneira de escrita do autor. Estudar os elementos gráficos da forma com que foram produzidos no original (com suas abreviaturas, fronteiras de palavras, pontuação) permite conhecer além do conteúdo do texto, o seu contexto de produção e, assim, entender o documento como fonte de pesquisa. O labor filológico cumprirá uma vez mais seu papel de revelar, aos interessados, todas as possibilidades de significado que um documento pode conter em sua forma original.

## 5.1 Carta NMM, Doc. 965/9601

Abaixo apresenta-se a íntegra de uma carta, escrita por NMM, homem, 21 anos, brasileiro, solteiro, sem profissão informada, residente em São Paulo. Em sua ficha de internação, pode-se ler a seguinte descrição, produzida pelo sanatório:

Raciocina regularmente e resolve problemas mathematicos de forma regular. | A progenitora do paciente faleceu aos 29 annos, durante uma crise de melancolia. | Nos ultimos tempos que precederam ao aparecimento da molestia atual, o Sr. N | entregou-se a uma vida um tanto desregrada, com consentimento aliás | do pai, que acha necessario que os rapazes tenham completa noção da vida, por | experiencia propria. O nosso observando, durante suas farras, ingeria, não por | prazer, mas para ser chic, grande quantidade de álcool.

Como uma forma de melhor informar o médico sobre seu estado de saúde, o paciente escreve o texto abaixo, dirigido ao Prof. Pacheco e Silva:

Para ser apresentado ao Dr. Pedro Silva || Eu estava com 18 annos de idade, e estudava | no Gymnasio, quando meus pais mudando-se | para o interior deixaram-me só num hotel de |<sup>5</sup> S. Paulo. Ahi é que vim a conhecer uma | moça, que era noiva e por quem me apaixo- | nei loucamente. Depois de uns mezes de convivência, já o nosso amôr era violento. || Foi então, que considerando a minha condição |<sup>10</sup> de estudante de Gymnasio, e confrontando-a com | a do noivo da pequena resolvi renunciar o | meu amôr, e recalcar (talvez, ahi esteja a origem | de neurose) aquella paixão. Então mudei-me | para outro hotel, e cheguei a usar oculos |<sup>15</sup> pois a vista se me embaralhava toda, e os | olhos lacrimejavam depois de lêr algumas linhas. || Para esquecer aquelle amôr entreguei-me comple- | tamente ao estudo, chegando a estudar 10 horas | por dia, e fiquei num lamentavel estado de |<sup>20</sup> nervos. Não obstante, eu ainda frequentava | normalmente as casas de raparigas, e embora | às vezes nervoso cumpria as funções do coito. || Aos 20 annos entrei para um partido politico | ilegal, e num continuo estado de nervosismo |<sup>25</sup> pois grande era a minha actividade, e estava a todo momento ameaçado de ser preso. | Foi depois de alguns mezes no partido que comecei a notar com grande magúa, que la minha virilidade já não era a mesma, |<sup>30</sup> e quanto mais me preocupava com isso peiores | eram os resultados. Assim passei dias | de esperança seguidos de dias angustiosos, | nos quaes eu com o firme proposito de | cumprir de qualquer maneira o coito eu recorria | aos animaes. ||<sup>35</sup> Mudei-me para o Rio de Janeiro, e ganhei | muito com o clima, mas isso apenas nos primeiros | dias, pois logo voltaram os meus estados de | tristeza e acabrunhamento. Foi por esses dias | que (voltando as) procurando as casas de raparigas |<sup>40</sup> consegui um coito normal, mas depois não | conseguindo mais isto recorri com as mesmas | raparigas ao coito artificial, de introdução do | penis na boca. Assim continuei por varios | dias, indo a casa dessas raparigas até que me |<sup>45</sup> senti esgotado, e recorri a bebida que embora | não houvesse tomado mais de umas 5 ou 6 vezes me (fizeram) me fez muito mal. Então appareceu a primeira obsessão que foi a de | pensar que os meus novos amigos no Rio |<sup>50</sup> julgassem que eu fosse um pederasta passivo, | porque eu andara sem o saber com um individuo | dessa especie, e que vim a descobrir mais | tarde. Consegui vencer essa obsessão, e quando | já havia determinado cumprir um regime de vida, |<sup>55</sup> appareceu a segunda obsessão de que o Sr. | teve conhecimento, e que só consegui vencer | aqui no (hospital) sanatório. || Tenho certeza que essas obsessões são oriundas | do sentimento de inferioridade, como consequen- |<sup>60</sup> cia da fraqueza sexual, pois se não fosse | esta ellas não teriam aparecido. Para isso | tudo ajudou a perda de fosfato na orina, que | determinou o exame procedido pelo Dr. Jose | de Albuquerque, quando de minha estada |<sup>65</sup> no Rio fui visita-lo. Só agora que fiquei | livre das obsessões pude coordenar os factos | passados e escreve-los aqui. Tenho verificado que | os empregados e outros doentes do sanatorio | tem-me proposposto provas, e foi para maior |<sup>70</sup> facilidade do diagnostico e não por outra cousa | que os revelei.

Abaixo, os bifólios – folhas de papel duplas dobradas ao meio – (apenas 1r, 2r e 2v foram utilizados) que representam a transcrição acima:

Figura 6 – Fólio 1r, da carta NMM, Doc. 965/9601

Para ser apresentado ao Sr. Pedro Silva  
Eu estava com 18 annos de idade, e estudava  
no Gymnasio, quando meus pais mudando-se  
para o interior desceram para si um hotel de  
S. Paulo. Ahí e' que vim a conhecer uma  
moça, que era moça e por quem me apaixonei  
-mei loucamente. Depois de uns mezes de  
conhecencia, ja o novo amor era violento.  
Foi entao, que considerando a minha condicao  
de estudante de Gymnasio, e comparando-a com  
a do moço da pequena, resolvi renunciar o  
meu amor, e recalcar (talvez, ahí esteja a origem  
de neurose) aquella paixao. Entao mudei-me  
para outro hotel, e cheguei a usar oculos  
pois a vista se me embaalhava toda, e os  
olhos lacimzavam depois de ler algunos livros.  
Para esquecer aquelle amor entregui-me comple-  
tamente ao estudo, chegando a estudar 10 horas  
por dia, e fiquei num leve estado de  
nervos. Não obstante, eu ainda frequentava  
normalmente as casas de raparigas, e embora  
as vezes nervoso cumpria as funçoes do coito.  
Aos 20 annos entrei para um partido politico  
illegal, e num continuo estado de nervosismo  
pois grande era a minha actividade, e estava  
a todo o momento arreçado de ser preso.  
Foi depois de alguns mezes no partido que  
comecei a notar com grande noçia, que  
a minha virilidade ja não era a mesma,  
e quanto mais me preocupava com isso peiores  
eram os resultados. Assim passei dias  
de esperanza seguidos de dias a gustissos,  
nos quaes em casa o firme proposito de

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Figura 7 – Fólio 2r, da carta NMM, Doc. 965/9601

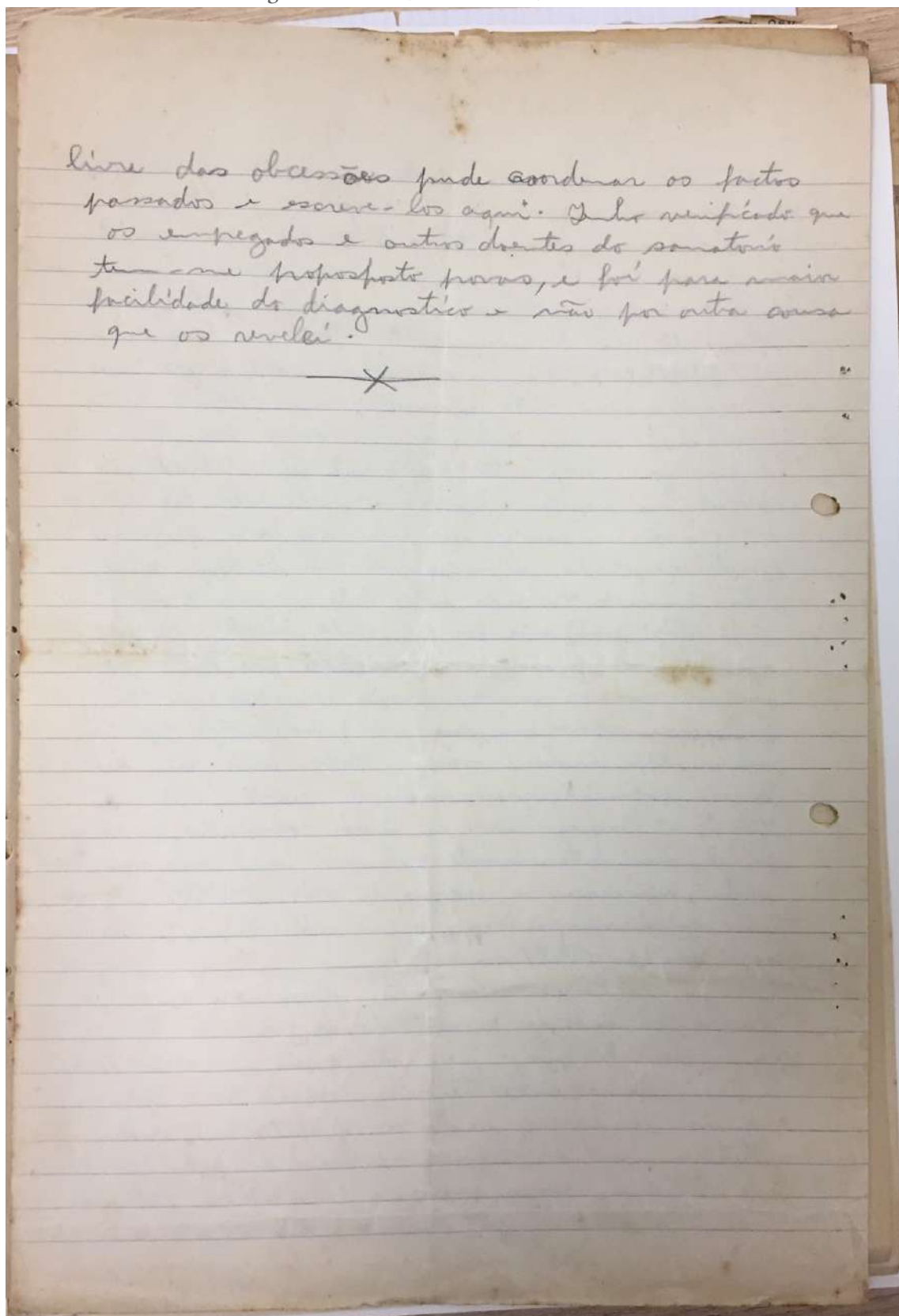
cumprir de qualquer maneira o certo em relação aos amigos.

Mudei-me para o Rio de Janeiro, se gostei muito com o clima, mas isso apenas nos primeiros dias, pois logo voltaram os meus estados de tristeza e acalambamentos. Foi por esses dias que (Holtz) procurando as causas de reparação conseguiu um certo normal, mas depois não conseguindo mais isto recorri com as mesmas reparações ao certo artificial, de introdução de peixes na boca. Assim continuei por vários dias, indo a casa dessas reparações, até que me senti esgotado, e recorri a bebida que embora não tivesse tomado mais de umas 5 ou 6 vezes me (Holtz) me fez muito mal. Então aparece a primeira obsessão que foi a de pensar que os meus novos amigos no Rio, julgassem que eu fosse um pedreiro passivo, porque eu andava sem o saber com um indivíduo dessa espécie (e que vim a descobrir mais tarde). Consegui vencer essa obsessão, e quando já havia determinado cumprir um regime de vida, aparece a segunda obsessão (que o Sr. teve conhecimento, e que só consegui vencer aqui no (hospital) sanatório.

Vejo certeza que essas obsessões são oriundas do sentimento de inferioridade, como consequência da fraqueza sexual, pois se não fosse esta ellas não tinham aparecido. Para isso tudo ajudou a perda de fósforo na urina, que determinou o escame produzido pelo Sr. José de Albuquerque, quando de minha estada no Rio fui visitá-lo. Só agora que fiquei

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

Figura 8 – Fólio 2v, da carta NMM, Doc. 965/9601



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

## Considerações finais

Saber ler textos de épocas passadas abre numerosas portas à investigação. Especialmente se essa competência for aplicada a manifestações escriturárias consideradas como ordinárias, secundárias, de pouca importância, afastadas de uma fase heurística de uma investigação documental.

Assim, pode-se compreender a posição do pesquisador no campo de práticas de apropriação do conteúdo de uma obra textual específica, identificando-a com uma série de informações que foram deixadas por seus sucessivos proprietários e leitores ao longo do tempo. Para desvendá-las, muitas vezes pela difícil grafia, a figura do filólogo que presta especial atenção às práticas codicológicas e paleográficas, torna-se essencial.

Petrucci (1986, p. 72) enfatizou que “uma pesquisa cuidadosa teria que ser realizada [...], na leitura de objetos manuscritos ou impressos, para reconstruir a história e individualidade de seus autores e leitores”.

O conteúdo textual de relatos pessoais, como é o caso do que se apresentou neste trabalho, é aqui entendido também como um produto de interação entre o leitor e o texto. Além disso, permite conhecer aspectos relevantes sobre as práticas de leitura e escrita de uma época e de uma sociedade.

Acredita-se que excertos escolhidos possam ter servido de exemplo sobre algumas possibilidades de pesquisa em diferentes frentes filológicas, justificando seu propósito. Análises codicológicas permitiram pensar na constituição de um *corpus* em que o princípio básico de uma correspondência, que é a transmissão da mensagem escrita, foi censurado pelo pensamento eugenista dominante na época. Por meio de análises paleográficas foi possível observar os diversos elementos utilizados para produzir o documento, decifrar tipos caligráficos de difícil compreensão, analisar a morfologia das letras. A perspectiva sócio-histórica abordada viabilizou leituras críticas sobre fatores que levaram à produção das cartas.

Todos esses estudos descritivos e analíticos sobre a documentação demonstraram diferentes maneiras e razões para se compreender as produções textuais desse período específico da história.

Dessa forma, permitiram compreender que o trabalho com documentos da primeira metade do século XX é também uma atividade que se volta para o conceito primordial da filologia que é a reconstrução e transmissão do texto original.

De fato, há, ainda, diversas questões de cunho filológico que podem ser propostas sobre uma produção apresentada, o que não deixa dúvidas de que há a necessidade de se elaborar mais pesquisas nesse campo. Resta, porém, o interesse de se aprofundar em práticas filológicas que contribuam com o campo de pesquisas desse saber científico e disponibilizem dados para trabalhos com objetivos afins.

## Referências bibliográficas

- ACKEL, Antonio. **Cartas pessoais do Sanatório Pinel: um estudo filológico**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019a.
- ASSUMPÇÃO Jr., Francisco. A ideologia na obra de Antonio Carlos Pacheco e Silva. *In: Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*. Ano VI, n. 4, 2003, p. 39-53.
- AZEVEDO, Rui Pinto de. **Documentos Medievais Portugueses**. Documentos Particulares. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1940.
- BATTELLI, Giulio. **Lezioni di paleografia**. Vaticano: Terza Edizione, 1949.
- BARRETO, Josenilce Rodrigues de Oliveira. **Pelos caminhos da separação: edição semidiplomática e estudo do vocabulário de uma “ação ordinária de desquite” do início do século XX**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.
- BARROS, Carlo. Historia de las mentalidades, Historia social. **Temas Medievales**. Buenos Aires: Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, 1992, p. 205-230.
- BLANCO Y SÁNCHEZ, Rufino. **Arte de la escritura y de la caligrafía: teoría y práctica**. Madrid: Edición de Archivos, Bibliotecas y Museos, 1914
- BLAY, Gimeno. **Scripta manent: de las ciencias auxiliares a la historia de la cultura escrita**. Granada: Universidad de Granada, 2007.
- BUCKHARDT, Jacob. **Reflexões sobre a História**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.
- BURKE, Peter. **La revolución historiográfica francesa**. La escuela de los Annales: 1929-1989, Barcelona, Gedisa, 1994.
- CASTRO, Ivo. Filologia. Biblos. *In: Enciclopédia Verbo das literaturas de língua Portuguesa*. Lisboa: Verbo, p. 602-610, 1995.
- CASTRO, Ivo. A primitiva produção escrita em português. *In: Orígenes de las lenguas romances en el Reino de León*. Siglos IX-XII. León: Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, 2004, p. 69-97.
- CENCETTI, Giorgio. **Vecchi e Nuovi Orientamenti nello studio della Paleografia**. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 1948.
- CHARTIER, Roger. Historia intelectual e historia de las mentalidades. *In: Trayectorias y preguntas*. Barcelona: Gedisa, 1992, p. 13-44.
- COUTO, Rita Cristina Carvalho de Medeiros. **Eugenia, loucura e condição feminina no Brasil**. As pacientes do Sanatório Pinel de Pirituba e o discurso dos médicos e dos leigos durante a década de 1930. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da FFLCH da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.

- FARIA, Lin Rodrigues de. **Os primeiros anos da reforma sanitária no Brasil e a atuação da Fundação Rockefeller (1915-1920)**. Physis (UERJ. Impresso) , IMS/Uerj, Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 109-129, 1995.
- FERLA, Luis. **Feios, sujos e malvados sob medida**. A utopia médica do biodeterminismo. São Paulo: Alameda, 2009.
- FIGUEIREDO, Lilia Simões Barbosa. **Duplo nó: mulheres no Hospital Psiquiátrico Pinel de Pirituba**. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos e documentos luso-brasileiros dos séculos XVI ao XX*. Curitiba: Editora CRV, 2020.
- FONSECA, Vitor da. **Psicomotricidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- GILISSEN. Leon. L'expertise des écritures médiévales recherche d'une méthode. *In: Scriptorium*. Gand: E. Story-Scientia, v. 7, n. 13, 1973, p. 44-66.
- GILISSEN, Leon. Prolégomenes a la codicologie. Recherches sur la construction des cahiers et la mise en page des manuscrits médiévaux. *In: Scriptorium*. Gand: Story-Scientia. 1977, p. 65-82.
- GOMES FILHO, Antonio. **Um tratado da cozinha portuguesa do século XV**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.
- GUMBERT, Johann. Peter. A Proposal for a Cartesian Nomenclature. *In: Miniatures, scripts, collections*. Essays presented to G. I. Lieftinck. Amsterdam: A. L. von Gendt & Co., 1976, p. 45-52.
- JÓRDAN, Vitor Hugo Arévalo. **Introducción à la Paleografía Hispanoamericana**. Santa Fé: Ediciones del Sur, 1998.
- LOVE, Joseph. **A locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira -1889/1937**. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1982.
- LIEFTINCK, Gerard Isaac. Pour une nomenclature de l'écriture livresque de la période dite gothique. *In: Nomenclature dès Écritures Livresques du IX au XVI Siècle*, Colloques Internationaux du Centre de la Recherche Scientifiques, Sciences Humaines – IV, Paris, 1953 p. 15-34.
- MABILLON, Jean. **De Re Diplomatica**. Paris: s/e1681.
- MALLON, Jean. **De l'écriture. Recueil d'études publiées de 1937 à 1981**. Paris: CNRS, 1986.
- MAFFEI, Scipione. **Istoria Diplomatica**. Mantua: s/e, 1727.
- MENDES, Ubirajara Dolácio. **Noções de paleografia**. São Paulo: Departamento do arquivo do estado de São Paulo, 1953.

- MUÑOZ Y RIVERO, Jesús. **Manual de Paleografía e Diplomática Española de los siglos XII al XVII**. Wentworth Press, Sydney. [1972] 2018.
- NOORDZIJ, Gerrit. **El trazo: teoría de la escritura**, Valencia, Campgràfic, 2009.
- NÚÑEZ CONTRERAS, Luis. **Manual de paleografía**. Fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII. Madrid: Catedra, 1994.
- NUNES, Eduardo Borges. **Álbum de Paleografía Portuguesa**. Vol I. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1969.
- PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel. **La edición de textos**. Madrid: Síntesis, 1997.
- PETRONE, Pasquale. **A evolução urbana de São Paulo**. São Paulo: Simões de Paula, 1955.
- PACHECO E SILVA, Antonio Carlos. **Problemas de higiene mental**. São Paulo: Oficinas Gráficas do Hospital do Juqueri, 1936.
- PACHECO E SILVA, Antonio Carlos. **A psiquiatria e a vida moderna**. São Paulo: s/ed, 1948.
- PACHECO E SILVA, Antonio Carlos. Filologia oitocentista e crítica textual. *In: ALVES, Fernanda Mota et al. (Org.). Filologia, memória e esquecimento*. Lisboa: Húmus, Act. 20. 2010, p. 355-367.
- PACHECO E SILVA, Antonio Carlos. **Palavras de psiquiatria**. São Paulo: Edigraf, 1950.
- PACHECO E SILVA, Antonio Carlos. **A guerra subversiva em marcha**. São Paulo: Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, 1961.
- PACHECO E SILVA, Antonio Carlos. **Desajustes psico-sociais**. São Paulo: Edigraf, 1974.
- PEREIRA, Bruna dos Santos Beserra. **Entre a loucura e a norma: mulheres internadas no Sanatório Pinel (São Paulo, 1929-1944)**. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 206.
- PETRUCCI, Armando. **La scrittura**. Ideologia e rappresentazione. Milano: Einaudi, 1986.
- PETRUCCI, Armando. De la paleografía a la historia. De las prácticas del escribir. *In: Revista de historia de la cultura escrita*, n.1, 1993, p. 173-191.
- PETRUCCI, Armando. **A. Scrivere lettere**. Una storia plurimillennaria. Bari: Editori Laterza, 2008.
- PETRUCCI, Armando. **Escribir cartas**. Uma historia milenária. Buenos Aires: Ampersand, 2018.
- QUEIROZ, Rita. *Manuscritos Baianos dos séculos XVIII ao XX – Autos de defloramento*. Guaratinguetá: Penalux, 2018.
- RAFFARD, Henrique. **Alguns dias na Paulicéia**. São Paulo: Academia Paulista de Letras, [1890] 1977.
- ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**. Legislação, política urbana, e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, 1999.
- RUIZ GARCÍA, Elisa. **Introducción a la codicología**. Madrid: Biblioteca del Libro, 2002.

- SILVA NETO, Serafim da. **Bíblia Medieval Portuguesa I**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958.
- SPAGGIARI, Barbara.; PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da crítica textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. **A capital da vertigem**. Uma história de São Paulo de 1900 a 1954. São Paulo: Objetiva, 2015.
- TRAUBE, Ludwig. **Einleitung in die lateinische Philologie des Mittelalters**. München, 1965.
- TROVATO, Paolo. **Everything you want to know about Lachmann's method**. Roma: Libreria Universitaria, 2014.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. **Lições de Filologia Portuguesa**. Lisboa: Revista de Portugal, 1956.
- WOTZKOW, Helm. **The art of handwriting**. New York: Dover Publications, 1967.